

Conjunto Ceará

KAROLINE FREITAS



As cidades são construídas de histórias, memórias e mistérios, feitas de um estuário de afetos, retóricas, discordâncias, interesses, apegos, datas e festas. Grandes celebrações. São as pessoas, com seus sólidos perfis, que constroem e desmancham as cidades todos os dias.

A Coleção Pajeú, publicada por meio da Secretaria da Cultura do Município de Fortaleza, é uma proposta editorial, permeada por consciência histórica e cidadã, que pretende reafirmar o patrimônio material e imaterial dos bairros da nossa cidade.

Esta quarta etapa contempla os livros sobre os bairros de Antônio Bezerra, Bairro de Fátima, Carlito Pamplona, Conjunto Ceará, Jangurussu, Jardim das Oliveiras, Mondubim e Papicu.



*Vista panorâmica do Conjunto Ceará
nos primeiros anos ainda em construção.*



Conjunto Ceará

Obra realizada com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,
por meio da Secretaria de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza
José Sarto Nogueira Moreira

Vice-Prefeito de Fortaleza

José Élcio Batista

SER XI – Secretária da Regional XI
Secretário Sócrates Cabral

**SECRETARIA MUNICIPAL
DA CULTURA DE FORTALEZA**

Secretário Municipal
da Cultura de Fortaleza

Elpídio Nogueira Moreira

Secretária Executiva Municipal
da Cultura de Fortaleza

**Leiliane Batista
Vasconcelos**

Chefe de Gabinete
Pedro Ivo Mítoso Junior

Assessora Jurídica
**Thiala Cássia
Bezerra Cavalcante**

Assessora de Comunicação
Juliana Barros Bomfim

Assessora de Planejamento
Eliane da Luz Silva

Coordenadora
Administrativo-Financeira
Ana Cláudia Mourão Mota

Gerente de Pesquisa e
Educação Patrimonial

Ruben Ryan Gomes de Oliveira

Gerente de Patrimônio Imaterial
Graça Martins

Gerente de Patrimônio Material
Marina Queiroz Fontenele

Coordenador de Ações Culturais
Maria do Socorro Freitas Lobo

Coordenadora de
Criação e Fomento

Mayra Bezerra Oliveira Mata

Gerente de T.I

**Carlos Alberto
Bertoldo Carvalho**

Diretor do Teatro São José
Mário Alves Paula

Assessoria Vila das Artes
Mileide Flores

Diretor do Centro Cultural Belchior
Ponce Júnior

Diretor da Biblioteca Pública
Municipal Dolor Barreira
Eduardo da Silva Pereira

Diretora da Biblioteca Pública
Infantil Herbênia Gurgel
Lysannia de Sousa Lima

Patrocínio



Fortaleza
PREFEITURA
Cultura

Karoline Freitas

Conjunto Ceará



Coleção Pajeú

AGRADECIMENTOS

Por olhares e vozes esse livro foi construído. Tenho especial agradecimento ao poeta e escritor Gylmar Chaves, idealizador da Coleção Pajeú e quem, sensivelmente, percebeu em mim o constante desejo de tatear a cidade, confiando a prazerosa experiência de traduzir o Conjunto Ceará neste exemplar. Gylmar foi meu grande orientador, preciso e solidário, com quem somei únicos aprendizados.

Marcos Rodrigues, morador do bairro, é figura ativa na construção da comunidade, e também o foi na elaboração deste livro. Ao grande poeta Juarez Leitão, pelas preciosas conversas sobre a condução dos mares de palavras e por ter dividido histórias inusitadas sobre o Conjunto Ceará.

Aos arquitetos Marrocos Aragão e Henrique de Neiva Cavalcanti, pela descrição do planejamento do conjunto habitacional. Ao também arquiteto Romeu Duarte, por ter gentilmente partilhado saberes sobre o conceito arquitetônico relatado nas páginas seguintes.

Outras pessoas, nessa jornada, acrescentaram. Personalidades como Fernando Araújo, Johnson Sales, Maviniê Mota, Pedro Sampaio e Rosa Magalhães foram também fontes de conhecimento sobre a região. Às pessoas de trajetórias entrelaçadas ao Conjunto Ceará, contribuidoras da transformação local, meu muito obrigada.

Este livro não pode ser reproduzido no todo ou em partes,
sob qualquer forma, sem autorização do editor.

Idealização e Concepção
Gylmar Chaves

Coordenação Geral
**Terra da Luz Editorial/
Patricia Veloso**

Texto
Karoline Freitas

Revisão
Rochelle Sales

Foto de Capa e Contracapa
Gentil Barreira

Imagens de arquivo
Arquivo Nirez

Diagramação
**Majoî Ainá Vogel
Wend Castelo**

Produção Editorial
Bruna Lopes

Assessoria Técnica
**Ernesto Simões
Graça Martins
Ingrid Monteiro
Ruben Oliveira**

F866c Freitas, Karoline.
Conjunto Ceará / Karoline Freitas. — 1ª ed.
— Fortaleza : Terra da Luz Editorial, 2023.

104 p. : 11x16cm.

(Coleção Pajéú)

ISBN 978-65-86517-44-6

1. Bairros - aspectos sociais. 2. Conjunto
Ceará - usos e costumes I. Título.

CDD 918.1310

Sumário

Apresentação •	9
Corpo a corpo com a cidade •	11
Um conjunto de conjuntos •	13
De linhas e lutas um bairro se fez •	17
As comissões •	25
O grande dia •	31
O protesto •	35
Centro Cultural Patativa do Assaré •	39
A linha da morte •	47
Extra! Extra! •	53
O Centro de Cidadania •	57
A chapa esquentou e a mesa virou •	65
Cotidianos •	69
No ar, a minha, a sua, a nossa rádio comunitária! •	71
Todos por todos •	85
Rostos e cantos •	91
Capítulo extra – Das políticas habitacionais de outrora •	95
Referências •	101

Apresentação

A Coleção Pajeú expressa a história dos bairros de Fortaleza na dimensão simultânea de passado – presente – futuro.

As pessoas, compreendidas como agentes, autores e autoras do que é coletivamente vivido e projetado para além dos limites físicos, são protagonistas de seus espaços urbanos e perfis do cotidiano: lugares de afetos e memórias, singularidades e pluralidades, percorridos por meio da oralidade, de referências bibliográficas, de datas e festas.

A Secultfor, ao apoiar esta iniciativa, reafirma traços e belezas de nossa terra e de nossa gente.

Parabéns, Fortaleza!

Dr. Elpídio Nogueira Moreira

Secretário da Cultura do Município de Fortaleza

CORPO A CORPO COM A CIDADE

*Não abra mão da sua cidade,
Pela pressa,
Para se guardar do sol,
Porque afastamos as árvores,
Nem pelas calçadas irregulares,
Apesar das ruas mal-iluminadas,
Ou pelas poças das chuvas mal colhidas.
Viver a cidade,
Seu corpo se revela.
Karoline Freitas*

É assim o Conjunto Ceará!

Seus moradores não se contentam em descobri-lo somente pela televisão, rádio, redes sociais ou por meio dos vidros dos carros. Querem também viver suas calçadas, praças, ruas, patrimônios culturais, saberes e fazeres de corpo inteiro.

Lugar de muitos sons. Pulsante. Vivido. Algumas de suas casas ainda se revelam sem a vedação de muros altos. Aqui e acolá, podemos presenciar as conversas de cadeiras nas calçadas, entre vizinhos, visitas e passantes. O Conjunto Ceará vive de constantes diálogos. Algumas de suas ruas são acalentadas pelo sossego do

anoitecer, enquanto outras, negociadas entre veículos, são movimentadas por cidadãos com seus mais diversos interesses. Os que vão, os que ficam, os que retornam e os que permanecem levam e deixam suas marcas.

Quando o Conjunto nasceu, em abril de 1977, ainda fazia parte do bairro Granja Portugal. Era um tempo marcado pela dureza, um período de restrições comportamentais e de ideias regidas pela ditadura civil-militar, mas de um povo com muita vontade de fazer a vida acontecer.

Para o programa de política habitacional daqueles tempos, foram elencados à implantação dos conjuntos habitacionais terrenos distantes dos serviços básicos, da especulação imobiliária e dos olhos dos mais abastados. O traçado urbano e o povo que habita o bairro Conjunto Ceará fizeram dele um palco de muitas histórias e acontecimentos.

UM CONJUNTO DE CONJUNTOS

A partir de meados de 1760, o mundo passa a experimentar o período histórico conhecido como Revolução Industrial, sendo esta uma das causas indutoras de maior relevância para o crescimento populacional nas cidades, por passarem grande parte dos operários a se estabelecerem próximos aos seus locais de trabalhos. Esses espaços necessitaram ser readequados ao longo das décadas seguintes, discutindo-se várias formas de moradias.

O surgimento do primeiro conjunto habitacional do mundo aconteceu na Finlândia, em 1909, tornando-se referência para a Europa Ocidental e as Américas, consistindo num conglomerado de domicílios populares, vendidos através de programas de incentivos governamentais para um público de renda comumente mais baixa. Com a chegada da industrialização no Brasil, ocorreu o crescimento da população nas cidades, semelhante ao que se deu em outros países. “Entre a década de 1930

e 1964, o Estado brasileiro entrou de fato na produção de conjunto habitacional. Na Era Vargas, em meio ao desenvolvimentismo e à criação das leis trabalhistas, o poder público passou a investir também nas habitações sociais, como uma das frentes da promoção de um Estado de bem-estar”¹.

Em 1965, foi criada a COHAB (Companhia de Habitação) com o objetivo principal de planejar, de forma acessível, a aquisição de moradia pelas famílias de menor renda. Quando a criação de um novo conjunto habitacional era anunciada, as pessoas se inscreviam na expectativa de serem contempladas como futuras moradoras. Durante os processos de planejamento, execução e entrega das casas, diversos interesses eram atendidos. Nessa marcha, parte dos solos das cidades brasileiras se redesenhou.

O primeiro conjunto habitacional construído pela COHAB em Fortaleza foi o Conjunto General Tito do Canto, em 1965, com 328 imóveis. Após isso, passaram a ser estruturados conjuntos de grandes proporções. Veio o do José Walter e, posteriormente, o do Conjunto Ceará – este último sendo o primeiro de Fortaleza a contar com saneamento básico, totalizando a entrega de 8.669 casas².

1 CONJUNTO habitacional: entenda sua origem e por que influenciou a arquitetura moderna. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/conjunto-habitacional/>. Acesso em: 5/10/2023.

2 Informações fornecidas pelo arquiteto Henrique de Neiva Cavalcanti.

Especificamente sobre o Conjunto Ceará, sua construção realizou-se em quatro etapas. A primeira foi inaugurada em abril de 1977, contando com 966 residências. No ano seguinte, a segunda etapa somou um total de 2.516 unidades. Em 1979, na terceira etapa, foram erguidas 2.037 casas e, por fim, em 1981, foi concluída a quarta etapa com 3.150 habitações.

Ao ser finalizado o Conjunto, o mutuário recebia a chave, as torneiras e os chuveiros das respectivas moradias em local adotado pela COHAB, em uma das unidades habitacionais ou em um edifício construído para a realização do pagamento das futuras parcelas.

Quando havia alguma necessidade ou queixa por parte dos moradores, por vezes elas se resolviam depois da entrega das casas. Essas questões eram direcionadas a um funcionário da COHAB, que trabalhava monitorando as demandas e ouvindo a comunidade. Construídas em cinco tipologias diferentes, os modelos das unidades residenciais do Conjunto Ceará dividiam-se em “A”, “B”, “C”, “D” e “E”, com ruas nomeadas por números e avenidas identificadas por letras.

O Banco Nacional de Habitação (BNH) era a instituição que dava suporte financeiro, através de financiamentos, para os projetos idealizados e construídos pela COHAB. Em meio a crises econômicas e inflacionárias, o BNH foi extinto quando o governo Collor assumiu e, assim, a COHAB deixou de ser a agente promotora das

construções de conjuntos habitacionais. A Companhia passou a atuar registrando imóveis que ainda hoje detém, em nome de seus ocupantes, e concluindo outros processos relativos a equipamentos construídos para serem repassados a novos proprietários, até o encerramento de suas atividades.

DE LINHAS E LUTAS UM BAIRRO SE FEZ

Os arquitetos, funcionários da COHAB, tinham autonomia para definir a concepção urbanística e arquitetônica dos conjuntos habitacionais, respeitando as diretrizes criadas a fim de nortear o planejamento das moradias. Basicamente, os critérios determinados para a construção dos conjuntos eram o número médio de habitações e a quantidade mínima de equipamentos próximos a serem executados dentro de um limite financeiro que viabilizasse a venda das casas.

A urbanística do “Projeto Ceará”, previsto para ser entregue em duas etapas, era datada de 1973. No entanto, a proposta, que tinha um dos braços do Rio Maranguapinho circundando boa parte do limite da área de intervenção, foi engavetada por conta dos altos custos de execução em contraponto com a baixa procura pelas habitações. Apenas em 1976 inicia-se de fato essa 1ª etapa das obras, já com o projeto revisto. Dessa vez, contaria com cinco etapas a serem realizadas nos anos

seguintes, com ampliação da quantidade de unidades habitacionais pela intensificação da procura pelas casas.

O trecho do Rio Maranguapinho passou a dividir a 2ª e a 4ª etapas, onde um canal foi construído. Naquele tempo, como ainda acontece em alguns lugares, muitos acreditavam nessa medida como boa solução para evitar enchentes e assentamentos precários. O canal que divide essas duas etapas avança também por outros bairros em que antes corriam as águas do rio às vistas do céu, mas que agora se movem sob o concreto.

Os arquitetos Marrocos Aragão e Portolino traçaram as primeiras linhas do Conjunto Ceará, definindo seu planejamento a partir do conceito Unidade de Vizinhança, com modelos de arruamentos que privilegiassem o encontro entre os moradores e proporcionassem uma quantidade adequada de equipamentos, de serviços, de lazer e de comércios nas proximidades, de modo a evitar o uso de veículos. O arquiteto Henrique de Neiva Cavalcanti deu segmento ao projeto iniciado pelos dois, idealizando as 3ª e 4ª etapas a partir do mesmo conceito urbanístico. Um projeto relativo à 5ª etapa foi concebido, mas não chegou a ser executado. Pouco antes, sua área passou a ser ocupada de forma irregular por pessoas que não foram oficialmente contempladas.

A proposta consiste ainda em projetos de unidades residenciais pequenas pois, se seus habitantes viveriam em cidades pungentes, repletas de possibilidades

e serviços, sua população permaneceria no interior de suas residências por um tempo menor.

O conceito Unidade de Vizinhança divide opiniões entre especialistas da área. Se para alguns é adequada quanto ao estilo de vida que seu traçado sugere, para outros parte de princípios alheios às demandas existentes na cidade.

O Conjunto Ceará foi implantado na porção sudoeste da cidade, distante das vistas e dos interesses dos mais favorecidos economicamente. Ao chegar, seus habitantes receberam um bairro de quadras ortogonais, ruas estruturadas em pedra tosca e embriões residenciais dentro dos terrenos, sem inclusão de novas linhas de ônibus para os trabalhadores se deslocarem. Além disso, as edificações de equipamentos que haviam sido incluídas na proposta arquitetônica e urbanística não garantiam que a população estivesse bem-servida dos serviços necessários ao cotidiano. Muitos moradores recém-chegados não puderam contar com hospitais, comércios, farmácias e outros serviços essenciais suficientemente próximos.

Um número considerável de mutuários contemplados, ao se depararem com a realidade, desistiram das casas. Alguns dos que permaneceram possuíam veículos particulares, enquanto outros se deslocavam pela força das pernas por longas distâncias para pegarem o coletivo num ponto existente no bairro vizinho, Granja Portugal,

ao qual o Conjunto Ceará ainda pertencia. Outra opção de transporte público era a linha férrea que atendia ao Conjunto Ceará e ao bairro Jurema, posicionada num trecho limite entre eles. Este último, localizado na cidade de Caucaia.

Como elo de interseção de algumas quadras, as UVs (Unidades de Vizinhança) estão inseridas, formando uma grande área verde onde se encontravam dispostos um núcleo de serviço social, também chamado de “centrinho”, uma escola de primeiro grau, um playground e uma pequena edificação para acolher um comércio de bairro. Essas quatro etapas contam com 11 UVs e, ao longo do tempo, grande parte de suas áreas permeáveis obtiveram ocupações irregulares.

O Conjunto Ceará foi configurado por pequenas casas divididas em poucos cômodos. As unidades habitacionais eram justapostas em pares, espelhadas e posicionadas em seus lotes, divididos por pequenas estacas. As calçadas, de alturas contínuas, planejadas para o desfrute dos pedestres. Há ruas pavimentadas em pedra tosca. Um dos modelos residenciais mais construídos foi o das casas de tipologia “B”. A moradora Socorro Tabosa, contemplada com uma das residências na entrega da 2ª etapa, descreve:

Fui a segunda moradora da rua. Me inscrevi na COHAB, passei um bom tempo no aguardo para receber a casa. Éramos cinco, com marido e três filhos, recebemos uma casa tipo “B”.

A porta principal ficava logo ao lado da que levava a entrar na casa vizinha, do outro lado da porta ficava a janela. Ao chegar, pisávamos numa estreita calçadinha que arrodeava toda a casa e subíamos um batente, atravessando a porta e chegando à sala.

O ambiente que dava acesso direto para todos os outros cômodos era a sala. Eram dois quartos. O acesso para o primeiro quarto era posicionado em frente à porta de quem chegava em casa e, ao lado desse quarto, havia um segundo, com abertura próxima ao banheiro. O banheiro e a cozinha ficavam lado a lado, na lateral da sala. Nos quartos não tinham portas, só a passagem. O piso de cimento vermelho acompanhava toda a casa, que tinha a porta principal e janelas com venezianas azuis.

Dentro da cozinha havia uma passagem para o lado de fora, onde podíamos abrir a porta na sua metade de cima e deixar a metade de baixo fechada. Dali eu conseguia ver a lateral da outra casa vizinha inteira.

A sala era o único ambiente grande da casa. Nela eu colocava as camas para receber visitas que chegavam para dormir.

O pé direito, bastante alto. Só as paredes que dividiam a casa entre o lado de fora e o de dentro “subiam” até o teto, as que dividiam os ambientes tinham altura menor, sobrando um vão por cima delas até as telhas.

De longe se via a cumeeira das casas, coberta de telha com duas “quedas”, sem forro, daquelas residências

que os donos colocavam um farol de luz em cima da porta de entrada.

No começo foi complicado, lembro que, morando no quarteirão do canal, perdi diversas coisas numa chuva forte que teve. A falta de transporte também dificultava tudo, pois a caminhada era bem longa.

A casa também estava posicionada próxima a uma pracinha belíssima, com lindos brinquedos para crianças, com um campo de futebol gradeado, próximo a UV4.

Passei anos pagando as parcelas. No fim da década de 1980, uma promoção para que as casas fossem quitadas fez com que alguns dos proprietários conseguissem se libertar das prestações.

Boa parte das árvores do bairro foram plantadas depois da construção das etapas. Os novos habitantes também deram relevante contribuição para a paisagem do bairro e o sombreamento de suas ruas. Alguns se reuniam com essa finalidade.

Igrejas ainda não haviam sido entregues. Diante dessa circunstância, padre Teles, residente do bairro, iniciou a realização de missas dentro do edifício onde já funcionava a Escola de Primeiro Grau Doutor Adelino Alcântara Filho. Para apoio às cerimônias, os jovens fiéis formaram o grupo Jesus Alfa e Ômega.

A COHAB oferecia suporte na formação do bairro por meio de serviços sociais e contribuía para o estabelecimento de diálogo entre os moradores. Uma das

vizinhas havia participado de uma associação em outro bairro que morara, e, em contato com o serviço social da COHAB, sugeriu a realização de uma reunião para discutir os interesses do conjunto.

Após uma missa de sábado, os jovens foram à quadra poliesportiva próxima, organizaram-se em círculo e combinaram a criação de um outro grupo de jovens. Os Pioneiros da UV6.

O edifício onde se instalara o centrinho, que anos depois foi cedido para servir como sede do Corpo de Bombeiros do Conjunto Ceará, passou a receber os Pioneiros da UV6 e o também recém-fundado Grupo de Senhoras, formado paralelamente.

Sem locais para eventos festivos com música e dança, bares e restaurantes, estando distantes de outras localidades que fornecessem lazeres dessa natureza, os Pioneiros da UV6 se dedicaram à realização de eventos, principalmente as chamadas tertúlias. Enquanto isso, o Grupo de Senhoras organizava, dentre outras ações, aulas de culinária nas conformações do centrinho, que contavam com uma cozinha bem-equipada, entregue pela COHAB junto ao equipamento.

Foi então que os Pioneiros da UV6, unidos ao padre Teles, empenharam-se na conquista de uma igreja para as proximidades. Nesse intuito, iniciaram uma articulação com a COHAB para conseguirem a construção.

Entre idas e vindas, alcançaram êxito. Na cerimônia de anúncio, uma representante do Grupo de Senhoras discursou e um representante dos Pioneiros da UV6, Marcos Rodrigues, lançou a pedra fundamental onde a Igreja de Nossa Senhora da Conceição fora erguida, tornando-se o primeiro templo religioso do Conjunto Ceará.

Na década de 1980, moradores também se organizaram para discutir ideias e ações em prol do bairro, mobilizando-se para a instalação do Conselho Comunitário do Conjunto Ceará. Dentre os dirigentes do Conselho haviam filiados a partidos políticos que mantinham acesso direto a vereadores. Os membros então acordaram de pressionarem seus aliados na busca de benefícios para a comunidade e muito conquistaram.

Os vereadores Inácio Arruda, Gorete Pereira e Sérgio Novais sugeriram a Lei 6.504, sancionada em outubro de 1989 pelo então prefeito Ciro Gomes, que estabelecia a separação da Granja Portugal do Conjunto Ceará, naquele momento tornando-se bairro também. No projeto, os limites do novo bairro foram propostos. O trânsito de veículos entre o Conjunto Ceará e outras porções da cidade, porém, não é simples ainda hoje. Entre os motivos para essa dificuldade estão as poucas avenidas que ligam a região a outras distâncias, fazendo com que grande parte do tráfego aconteça através de ruas estreitas.

AS COMISSÕES

O grupo Pioneiros da UV6 seguiu por um bom tempo organizando semanalmente tertúlias, discotecas, forrós etc. Em meio às regulares reuniões, decidiram, em 1980, realizar um festival de quadrilhas no Conjunto Ceará.

Havia dois grandes festejos juninos. Um deles ocorria no bairro José Walter, entre os dias 23 e 24, e o outro no bairro João XXIII, nos dias 29 e 30 de junho. O grupo, relembra Marcos Rodrigues, um dos seus integrantes, foi iniciado a partir de uma articulação denominada CASA (Comissão do Arraial de Santo Antônio), com o propósito de conseguir apoio para a realização desses festejos com o poder público, como já ocorria nos outros dois bairros.

No Conjunto Ceará, a festividade deveria acontecer nos dias 13, 14 e 15 de junho, Dia de Santo Antônio, para não dividir o público e respeitar os eventos dos bairros José Walter e João XXIII. O apoio não se realizou, mas a Comissão decidiu organizar um grande arraiaá, mesmo sem o suporte governamental.

A primeira festa se deu na praça da UV6. O sucesso foi tamanho que no ano seguinte deslocaram o arraiaí para a Avenida Central. Com o objetivo de construir uma área com piso de cimento, a CASA se articulou junto ao serviço social da COHAB e alguns comerciantes locais para reunir recursos de patrocínio que custeassem a execução do local destinado a favorecer uma melhor performance aos dançantes.

Várias formas de manifestações culturais passaram a ocorrer na quadra, como manhãs de lazer com feirinhas e muito forró. Anos depois, esse espaço recebeu outra intervenção, desta vez vinda do governo, tendo se tornado o Polo de Lazer Patativa do Assaré.

Em 1998, a CASA passou a ser CJCC (Comissão das Festas Juninas do Conjunto Ceará), sendo estabelecido que qualquer grupo de pessoas poderia se candidatar à comissão e os grupos inscritos seriam eleitos pelos moradores do bairro, por meio de votação, para organizarem a realização da festa junina daquele ano. Para custear os três dias de arraiaí, a Comissão buscou por alguns anos patrocinadores como a COHAB, cervejarias e a empresa de ônibus Gerema, a primeira de transporte público a circular no bairro.

Algumas instituições e coletivos ficaram responsáveis pelas barracas, a princípio tratando-se de seis unidades. Os lucros seriam revertidos para os próprios barraqueiros, que eram os Pioneiros da UV6, o Centro

Comunitário, o Grupo de Senhoras da UV6, a Igreja Nossa Senhora da Conceição e a Escola Adelino Alcântara Filho, na qual ocorriam as missas antes da construção da igreja. Nessa mesma escola atualmente funciona um CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos). Seguindo a memória de Marcos Rodrigues, havia também a barraca do Centro Esportivo União, o time de futebol fundado no bairro, que já formou vários craques e ainda segue atuando.

No segundo ano do evento, aumentaram a quantidade de barracas e o corpo administrativo de escolas públicas ficou responsável por algumas delas. A arrecadação foi usada para benfeitorias nas instalações dos centros educacionais, como a aplicação de piso em alguns ambientes.

A princípio denominada de “Festa do Santo Antônio do Conjunto Ceará”, posteriormente ficou conhecida como “Arraiá Luiz Gonzaga”. Muitas pessoas engajadas, vindas de outros bairros e do interior do estado, trouxeram suas raízes e fizeram a tradição do evento acontecer com forte apelo cultural.

Através da culinária, dos “causos”, das vestimentas, do folclore, das brincadeiras, além da dança expressa em forma de quadrilha, o sertão estava presente. Dinâmicas como o concurso da rainha e a princesa do milho aconteciam. As garotas se paramentavam com vestimentas, maquiagens e apetrechos característicos para a disputa.

Além disso, destacavam-se o festival de quadrilhas, as apresentações dos dançarinos de forró, dos poetas e repentistas, e o teatro de mamulengo.

As barracas possuíam nomes temáticos em referência a Luiz Gonzaga. Também entravam na brincadeira a que estivesse com melhores ornamentações e serviços, sendo esta escolhida pelo público e premiada.

Segundo uma edição do jornal Diário do Nordeste de 2008, “Quadrilhas e forró pé-de-serra legítimo fazem a animação dos moradores de um dos maiores bairros da cidade”.

Em poucos anos do início das celebrações juninas, a festividade ganhou fama e força tamanha que passou a ser considerada por alguns, durante um período, como a maior festa junina do Ceará, chegando a contar com até 100 barracas. Como consta em matéria do Diário do Nordeste de 2010:

Em média, por noite, sete a oito quadrilhas de vários bairros da capital e de cidades do Interior se apresentam no Arraiá. [...] A quadrilha vencedora receberá como prêmio R\$ 3 mil. Aquelas colocadas em segundo e terceiro lugares serão contempladas com R\$ 2 e 1 mil.³

3 ARRAIÁ revive cultura nordestina no Conjunto Ceará. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/arraia-revive-cultura-nordestina-no-conjunto-ceara-1.128242?page=6>. Acesso em: 5/10/2023.

Quando os festivais ganharam força, o Conjunto Ceará foi destaque nacional, tendo sido apresentado num domingo à noite pela Rede Globo de televisão com Marcos Rodrigues, um de seus organizadores, anunciando a festa. Atualmente os festejos juninos do Conjunto Ceará retornaram a proporções menores, sendo realizados novamente na escola do bairro e nas Unidades de Vizinhança, de modo aconchegante à comunidade.

O GRANDE DIA

No fim da década de 1990, o estado do Ceará recebeu quatro ambulâncias para prestação de socorro, e uma delas foi destinada ao Hospital Nossa Senhora da Conceição, que está localizado no bairro Conjunto Ceará. Para a cerimônia de entrega desse veículo veio a icônica rainha, dos novinhos, dos velhinhos, dos gordinhos, dos magrinhos, dos altinhos e dos baixinhos, Xuxa.

A imprensa divulgou e a notícia se espalhou mais rápido que fogo. Na manhã da entrega, logo cedo, a euforia imperava no bairro. As pessoas se juntaram e os ônibus chegaram abarrotados de gente das mais diversas localidades. Ninguém podia perder o dia que deixara de ser apenas sobre a entrega da ambulância para se tornar um grande evento.

O amontoado se espremia e se juntava num coral de diferentes declarações de amor à rainha que viria. Era gente por todo lado, unidas em pé sob o sol ou

estrategicamente posicionadas para visualizá-la melhor. Tinham os que levaram cadeiras de casa, os que se erguiam sobre os ombros de outras pessoas, alguns escalando os troncos das árvores e até crianças tentando subir em postes. Com o crescente acúmulo de pessoas, as autoridades ficaram preocupadas e tomaram medidas para tranquilizar a multidão. Ainda assim, nem mesmo o contingente de 80 policiais conseguiu conter os fãs apaixonados.

Finalmente, às 15h daquele dia, em lugar de sua famosa nave, Xuxa apareceu num ônibus fretado para a entrega da ambulância ao hospital, conquista para a saúde pública do bairro ali devidamente posicionada.

No momento de sua chegada, o empurra-empurra se tornou mais intenso quando a artista, ao descer do ônibus, num gesto surpreendente, subiu pela parte externa da janela, pondo-se sobre o teto do veículo. Os fãs foram à loucura. Eis que ela surge para a multidão com uma camisa branca, calça preta cintura alta e suas inesquecíveis botas de cano longo, acenando com seu sorriso largo e cabelos loiros refletindo a luz do sol. Foram os segundos mais repletos de energia daquele dia. Passado esse momento, ela desapareceu como um passe de mágica.

Instantes depois, Xuxa reapareceu, cercada de câmeras, para a entrega da chave da ambulância que tanto contribuiu para prestar serviços e salvar vidas do bairro. Durante todo o evento, seis pessoas deram entrada no

hospital por conta de desmaios ou contusões ocasionadas pelo tumulto.

O funcionamento do Hospital Público Nossa Senhora da Conceição atendeu a pedidos da comunidade. Na segunda metade da década de 1980, a Unidade de Vizinhança 10 abrigava um edifício que seria destinado a uma escola pública, mas, a partir da crescente demanda, o Governo do Estado escolheu destiná-lo a um hospital particular.

Os moradores locais se articularam durante algum tempo em oposição, debatendo, cobrando e afirmando que a comunidade local e as adjacências necessitavam de fato era de um centro de atendimento público, não privado. Por conta disso, coletivos se juntaram e os grupos empenhados se reuniam, normalmente às sextas-feiras, sempre numa UV diferente. Traziam caminhões, microfones e caixas de som para o debate cívico, tudo regado a forró e outras manifestações culturais que frequentemente ocorriam nas Unidades de Vizinhança. Depois de muito exigirem, o governo acatou e a edificação enfim foi cedida a um hospital público, passando apenas por algumas adaptações. O equipamento prestou atendimento aos bairros Conjunto Ceará, Granja Portugal e até Jurema, pertencente à cidade vizinha de Caucaia. Com a chegada da ambulância, os serviços também se ampliaram.

Anos depois, foi transformado em hospital maternidade, mas atualmente seus serviços vêm se reduzindo,

principalmente após a criação das UPAs (Unidades de Pronto Atendimento). Os moradores reconhecem a importância do equipamento.

Nas proximidades de 2020, foi aprovada, em votação na Câmara de Vereadores, a privatização da administração do hospital. Algum tempo depois, os pronto-atendimentos de emergência foram encerrados. A população segue utilizando os serviços oferecidos e espera-se que este centro de saúde continue sendo relevante para a população do bairro e circunvizinhanças.

Em 1996, muitos vibraram com a vinda da apresentadora Xuxa por ocasião da entrega da tão necessária ambulância. Tal episódio provavelmente é um dos fatos gravados nas lembranças de luta de seus moradores.

O PROTESTO

No Conjunto Ceará chegaram, pouco depois da entrega das primeiras casas aos moradores, as famílias de Fernando Antônio Santiago e de seu amigo João Luiz de Araújo. Período em que o país vivia sob a ditadura civil-militar. Já na adolescência, Fernando e João Luiz mantiveram contatos com ideais políticos contrários ao atual regime, o que os levou a participar de protestos como forma de resistência.

Engajados em diversas lutas, ainda muito jovens, fundaram, no colégio do bairro, o grêmio estudantil denominado Karl Marx. As pautas sociais eram discutidas lá, em suas casas, na igreja do bairro e nas proximidades do atual Polo de Lazer Patativa do Assaré.

No início dos anos 1980, já se encontrava em discussão por todo o país o processo de abertura política que desencadeou na negociação da anistia, de forma ampla, geral e irrestrita. Os opositores ao regime, por outro lado, não concordavam que os militares fossem

incluídos na lei, pois assim seriam protegidos. Por conta disso, defendia-se que os crimes cometidos por eles fossem investigados, e os culpados, punidos.

Nesse contexto, Fernando e João Luiz, já com idades de 20 e 19 anos, manifestaram indignação ao que estava sendo proposto. Como forma de protesto, em 1984, puseram em prática o plano de sequestrarem um avião que os levasse à Cuba, conforme relato:

Comecei a trabalhar muito cedo, aos 16 anos, no Banco Real, e logo me filiei ao sindicato dos bancários, na época um dos mais importantes sindicatos do país. Nesse tempo, participei de muitas mobilizações e greves. Essa minha militância sindical acabou me custando o emprego, por não ser bem-visto pela administração do banco. A minha demissão chegou em dezembro de 1983.

No Conjunto Ceará, já conhecia outros jovens inquietos e desejosos de participar na luta contra situações de exclusão bastante aparentes, passando [o bairro] a ser o nosso campo de inspiração e resistência. Contestávamos tudo. Sempre estávamos nas ruas fazendo manifestações frente a escolas, igrejas, centros sociais etc.

Foi quando passei a amadurecer a ideia de partir para Cuba. Resolvemos, eu e o meu companheiro de ideais, João Luiz Araújo, que seria por meio de um sequestro de avião, forma de protesto a desafiar os militares e aqueles que negociavam o retorno da democracia sem que os torturadores fossem punidos.

O ano de 1983 foi quase inteiramente de planejamento solitário até propor ao meu amigo e parceiro de luta, o João Luiz, sobre o meu plano de ir para o exílio.

No dia 3 de fevereiro de 1984, pomos nosso plano em prática num voo de Fortaleza a Belém. Junto a mim e ao João Luiz estava minha esposa, que levava nossa filha ainda de colo, três meses de idade, sem conhecimento de nossas intenções.

Jamais imaginei que, ao anunciar ao comandante do avião a inesperada rota para Cuba, nos detivéssemos com alguns imprevistos: elevar o avião a altura máxima e desligar seus motores para que conseguíssemos reabastecê-lo na cidade de Paramaribo, capital do Suriname, uma vez que o aeroporto da Guiana Francesa estava interdito e já tínhamos pouquíssimo combustível. Cercados por militares, o abastecimento foi ocorrido em troca dos passageiros. Saindo do Suriname, chegamos a Cuba.

Durante muitos anos o anúncio de “Esse avião está sendo sequestrado. Vamos para Cuba, ou para lugar nenhum” soou em minha cabeça.

Somente retornei ao Brasil dez anos depois. Quanto ao Conjunto Ceará, difundido pelos meios de comunicação para todo o país e em outras partes do mundo como o lugar de dois jovens sequestradores do último avião para Cuba.

CENTRO CULTURAL PATATIVA DO ASSARÉ

Na 1ª etapa, entregue em 1977, dois galpões foram estruturados na área institucional da UV6. Neles funcionou uma espécie de mercado, onde ocorriam feiras de alimentos com venda de frutas, verduras e carnes. As feiras eram promovidas pela COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos), órgão desenvolvido pelo Ministério da Agricultura que atuava nos estados brasileiros. Após o fim das atividades da COBAL no Conjunto Ceará, os galpões ficaram desativados por anos.

Certo dia, o governo realizou um show do Os Trapalhões no polo de lazer localizado nas proximidades dos galpões. As estruturas já se encontravam em processo de deterioração e, nesse evento, uma criança subiu sobre a cobertura para observar os ídolos. Na travessura, a cobertura danificada pelo abandono cedeu, causando um acidente de grande repercussão no bairro e na imprensa.

Tempos depois, a AMPECC (Associação de Micro e Pequenos Empresários do Conjunto Ceará), reunida em interesses, iniciava um diálogo com o Governo do Estado, buscando adaptar o espaço ao atendimento de demandas existentes. Dessa maneira, com projeto arquitetônico desenvolvido pela COHAB, o governo lançou uma proposta: a reforma estrutural dos galpões e a consecutiva acomodação do novo edifício seria um prédio batizado de Ceará Shopping Center.

Após a construção, os empreendedores alugaram seus pontos comerciais e fizeram investimentos em porta, piso e mobiliário de suas lojas. O governo promoveria a divulgação do local e a implantação de dois estabelecimentos de grande fluxo de vendas (lojas âncoras). Eventos com manifestações culturais nas redondezas seriam também propiciados ao público, favorecendo o fluxo dos consumidores e a comercialização dos produtos.

Cerca de quatro anos depois, já nos anos 2000, por conta dos aluguéis considerados altos pelos pagantes, sem as lojas âncoras implantadas no equipamento e diante da baixa demanda de público, os lojistas abandonaram seus pontos comerciais.

Devido à falência, o Ceará Shopping Center passou a ser utilizado por apenas dois comércios, uma loja e uma lanchonete. Com o esvaziamento de público, o edifício entrou em depreciação, apresentando paredes e pisos sujos, emanando mau cheiro. As lojas tiveram suas

portas retiradas e levadas pelos antigos ocupantes, tornando-se o local ponto de encontro de marginalizados.

Os dois comerciantes persistentes no shopping buscaram apoio para a reocupação do prédio. Com a ideia de retomar o fluxo de pessoas no espaço, eles recorreram ao então MH2O (Movimento Hip-Hop), à Associação da Feirinha Cultural do Conjunto Ceará e a outras entidades coletivas eleitas pelos habitantes do bairro para comporem a comissão organizadora da festa junina daquele ano.

A alternativa encontrada pela comissão foi estimular uma intensa movimentação no Ceará Shopping Center, estendendo os festejos juninos até lá. Os artesãos locais chegaram para somar esforços e, numa grande intervenção, programaram-se antecipadamente.

A Comissão, os artesãos e outros engajados realizaram reuniões nas semanas anteriores e, num evento que durou dois dias, reacenderam a efervescência do equipamento, recuperando as lojas. Houve apresentação de repentes, capoeira, músicas, danças e vendas de diversos produtos artesanais. As paredes do espaço receberam pinturas e grafite. Ficou tudo muito bonito.

Os artesãos engajados ocuparam os pontos comerciais vazios e passaram a vender, majoritariamente, produtos de origem artesanal. A partir de então, o equipamento deixava de ser referido como shopping e se tornava o intitulado Centro Cultural Patativa do Assaré.

Com o passar do tempo, alguns ocupantes seguiram rumos diferentes, enquanto outros chegaram em substituição. Atualmente o Centro Cultural retomou uma quantidade maior de serviços característicos de shoppings.

O vigilante do edifício, possuindo sagrado hábito de ler o Diário Oficial, segundo relatos dos comerciantes, certa vez, constatou que a COHAB havia colocado a leilão o edifício que abrigava o Centro Cultural e, próximo a ele, o imóvel em que estavam os novos moradores do conjunto habitacional e onde entregavam a eles as chaves das unidades habitacionais. Essa segunda edificação foi adotada posteriormente pela comunidade como sede do que nomeiam de Polo Criativo, considerada para ponto de encontro dos coletivos locais, um escritório compartilhado ao qual esse imóvel servia de acolhimento.

No instante em que o leilão é detectado e a comunidade é confrontada com essa situação, nasce um movimento de luta em defesa dos interesses do bairro chamado SOS Conjunto Ceará. Dessa forma, novamente são realizados outros festivais em reafirmação à relevância do Centro Cultural Patativa do Assaré para a comunidade. Os eventos contavam com saraus, shows de reggae, rock, batalhas de hip-hop, rodas de conversa, rave, teatro, exposições de livros etc.

Os coletivos procuraram apoio de parlamentares e convocaram reuniões com outras pessoas ligadas ao

governo e ao bairro. Por fim, a resposta chegou: o leilão foi barrado. No entanto, em cerca de um ano, outra tentativa de leilão foi descoberta através de um anúncio no jornal. Dessa vez, a ideia foi dividir o Centro Cultural Patativa do Assaré em vários lotes, para facilitar a venda, desprezando a edificação existente e sua funcionalidade, de acordo com depoimentos extraídos entre os próprios habitantes. Johnson Sales, um dos moradores dedicados aos interesses do bairro, recorda que os coletivos, por meio da representação de advogados, lideranças políticas e usuários do prédio, solicitaram audiência pública no polo de lazer para que o assunto fosse discutido em grupo. O resultado gerou o impedimento da venda do espaço.

Alguns anos depois, o SOS Conjunto Ceará, em diálogo com o Governo do Estado, conseguiu a reforma do polo de lazer e do edifício que fora sede da COHAB, onde os coletivos passaram a se encontrar.

Certa manhã, os moradores perceberam telões posicionados nas proximidades da obra, apresentando nova proposta arquitetônica para o polo de lazer. Por não ter sido, mais uma vez, discutida com a população, o SOS Conjunto Ceará se movimenta, seguindo para a UFC (Universidade Federal do Ceará), a convocarem alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo com a finalidade de desenvolverem outro projeto.

Entre os alunos do curso, já se formava o Coletivo Taramela, com atuação voltada a sugerir soluções de

espaço físico que melhorassem o modo de vida das comunidades. Esse coletivo se empenhou numa adequada proposta arquitetônica para o polo de lazer, a acolher as necessidades e potencialidades dos usuários e do meio ambiente. Projeto pronto, conforme relata o engajado morador Johnson Sales, foi apresentado aos responsáveis para execução da obra. A resposta negativa veio imediatamente.

O debate se prolongou entre os grupos de interesse sobre cada ponto a ser reformado. Depois de ampla discussão, chegou-se a um acordo. O governo então solicitou a saída dos barraqueiros e ambulantes, empreendedores atuantes no polo, para o início da reforma. Os ocupantes, junto aos coletivos, requisitaram garantia documentada de receberem suas tendas de volta, em forma de quiosques, e de serem direcionados a um outro espaço enquanto a obra ocorria, onde pudessem seguir trabalhando.

Passados cerca de três anos nesse impasse, os proprietários dos quiosques de alvenaria acabaram por ceder, permanecendo durante a obra sem espaço de vendas. Os barraqueiros possuidores de tendas móveis encontraram nova maneira de continuarem comercializando seus produtos no canteiro central da avenida mais próxima, a Ministro Albuquerque Lima. Quanto aos ambulantes, estes ficaram sem ter onde trabalhar.

Com a obra iniciada, outra vez os moradores foram surpreendidos. O prédio histórico, a princípio utilizado

pela COHAB e pelos moradores como espaço para encontros de coletivos, havia sido completamente demolido. Sua destruição causou tremendo impacto emocional à população do entorno, que agora reúne-se em outros equipamentos das proximidades, além do próprio Centro Cultural Patativa do Assaré.

Ao longo de sua história, o Centro Cultural sediava eventos artísticos e recebeu vários movimentos culturais. Um dos mais marcantes foi a Terça do Malandro, um festival de rock com várias bandas regionais apresentando músicas autorais, pausado a partir do isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, organizado pelos proprietários da loja Maniac's, especializada em produtos ligados ao rock, reggae e hip-hop.

Durante a festa, as bandas ficavam divididas e se alternavam em dois espaços diferentes, para que, no momento da troca, o agito não cessasse e o público se movimentasse no interior do equipamento para assistir aos grupos e, conseqüentemente pudessem também observar as lojas.

Os organizadores costumavam solicitar autorização na delegacia do bairro e ao padre da igreja próxima para evitar possíveis transtornos. A mistura de gente era grande pois, se a banda vinha de Aquiraz, por exemplo, seus componentes tendiam a levar seu próprio público e assim o badalo acontecia.

Com o passar do tempo, o equipamento foi se adequando aos interesses e demandas da população e hoje hospeda serviços de contabilidade, advocacia, consertos de sapato, escritório do Detran, Correios, entre outras inúmeras prestações de serviços.

A LINHA DA MORTE

Em 1999, os moradores do Conjunto Ceará se depararam com a construção de postes para recebimento de duas linhas de alta tensão, com 230.000 volts cada uma. A instalação seria realizada pela empresa CHESF (Companhia Hidroelétrica de São Francisco). O acordo, decidido entre prefeitos de Fortaleza e regiões próximas, foi de que o trajeto das linhas de transmissão vindas de outros lugares atravessaria a cidade por um trecho do bairro Conjunto Ceará e seguiria para outras localidades.

Para receber a rede elétrica, os postes já estavam sendo construídos quando uma cartilha foi distribuída para alguns habitantes próximos da zona de intervenção. Nas páginas, estava explicado que as linhas de transmissão estabeleciam uma “faixa de servidão”, local próximo à estrutura condutora de eletricidade. Nessa área de extensão, algumas precauções deveriam ser observadas pelas pessoas. Seria desaconselhável que: 1) as casas possuíssem portão de alumínio, tubulações ou

estruturas metálicas; 2) as pessoas trocassem pneus ou abastecessem seus veículos; 3) os utilizadores de marca-passo permanecessem no local; 4) as crianças soltassem pipas, dentre outras observações a serem evitadas.

Também havia alertas sobre as possíveis interferências em aparelhos de rádio e TV, caso o equipamento fosse de “baixa qualidade” ou estivesse sintonizado a um canal de “baixa potência”. Diziam ainda que construções de moradias não eram permitidas na faixa de servidão e que, para as de natureza comerciais e industriais, a CHESF deveria ser consultada de maneira prévia. A leitura da cartilha propiciou um momento de grande diálogo entre a comunidade, desencadeando a criação do Movimento Conjunto Ceará em Defesa da Vida.

Lideranças políticas, sociais e religiosas, associações, rádios comunitárias e coletivos de bairros vizinhos movimentaram-se pela conscientização, unidos na mesma causa: compreender e se posicionar sobre as consequências daquele serviço. Não tardou até que a população se mobilizasse sobre aquela obra.

Nos dias seguintes, a situação chegou à imprensa. Na publicação do jornal O POVO de 11 de abril de 1999, constava a manchete: “Manifestação pede embargo da instalação de rede elétrica”.

Os operários, no entanto, seguiam trabalhando dia e noite para acelerar o processo de colocação da rede,

mesmo diante da desaprovação dos moradores. A comunidade então solicitou ao CREMEC (Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará) um parecer sobre os riscos que a rede de alta tensão poderia representar à saúde.

No documento redigido, o presidente do Conselho afirmava que, apesar de ainda serem necessárias várias pesquisas a nível mundial sobre os efeitos dos campos eletromagnéticos no organismo humano, muitos testes já evidenciavam certos danos:

Uma análise feita em 1996, pela Academia Nacional de Ciência dos Estados Unidos, sugeriu que a moradia perto de linhas de força estava associada com um elevado risco de leucemia infantil.

Existe também uma conclusão do Instituto Nacional de Ciência e da Saúde Ambiental dos Estados Unidos, em junho de 1988, baseado em critérios da Agência Internacional Para Pesquisas sobre Câncer, que os campos eletromagnéticos de baixíssima frequência deveriam ser considerados um “Possível Carcinógeno Humano”. (Parecer CREMEC, nº 12/99)⁴.

Uma carta elaborada pelo Movimento Conjunto Ceará em Defesa da Vida, destinada ao público e às autoridades competentes, expressava o que manifestava a população e ainda relatava a respeito da intervenção

4 *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 11 de junho de 1999.

imposta sem consulta antecipada aos moradores e sobre o risco à saúde e à tranquilidade das pessoas. Mediante a comprovação científica do que afirmava o senso comum, concluiu-se que a forma como o projeto estava sendo executado confirmava agressão à vida.

...mobilizamos a imprensa e a sociedade civil, as igrejas e as comissões dos direitos humanos da OAB, a câmara e a assembleia, as escolas têm contribuído pra valer para o sucesso dessa luta, educadores e estudantes tão dando exemplo de senso crítico, luta e solidariedade. É assim que se constrói a cidadania! (Trecho de uma das convocatórias de passeata do Movimento Conjunto Ceará em Defesa da Vida).

Passeatas e carreatas foram organizadas, além de várias audiências públicas, sempre com as mesmas mensagens: “QUANDO UM NÃO QUER, DOIS NÃO DANÇAM”, “ABAIXO A LINHA DA MORTE!”.

A comunidade insistia no desvio da linha de alta tensão para outro local, mas o poder público avaliava que seria muito custoso e por isso mais viável manter o trajeto por dentro do Conjunto Ceará.

Depois de um bom tempo de luta firme, a comunidade foi exitosa. O presidente da CHESF recuou, e a também chamada “linhão da morte” foi derrotada. Novamente o bairro vira manchete nos jornais com o triunfo da população sendo noticiado. A passagem da

linha de alta tensão foi desviada para fora da zona urbana e as pessoas puderam se tranquilizar e comemorar em segurança.

O Poder Público foi obrigado a recuar devido à série de desgastes políticos provocados pelas manifestações dos moradores atingidos pela obra, que não se intimidaram e procuraram os meios de comunicação para denunciar os perigos recorrentes da “linha da morte”. (Jornal Diário do Nordeste, 11 de junho de 1999).

Lição Dupla.

Os moradores do Conjunto Ceará deram uma lição que precisa ser aprendida por todos os cearenses: a união e a mobilização popular podem mais do que o arbítrio. Eles conseguiram modificar o roteiro do projeto da rede de alta tensão da Chesf, que passava dentro do Conjunto. Os governantes e administradores também deveriam aprender a respeitar o interesse público. (Jornal Diário do Nordeste, 10 de junho de 1999).

EXTRA! EXTRA!

Marcos Rodrigues, durante a infância e parte da adolescência, morou no bairro José Bonifácio. Segundo ele, era central, bem-servido de equipamentos e de fácil acesso. Após a separação de seus pais, a renda familiar diminuiu e ele precisou se mudar com a mãe para o Conjunto Ceará. Nessa época, com 18 anos, pôde perceber a dificuldade em se deslocar e usufruir de serviços essenciais. Por vezes constatou olhares desatentos do poder público para o novo endereço. De pronto, se inquietou, procurando maneiras de se unir a outras vozes a dizerem que o direito à cidadania era inegociável.

A segunda metade dos anos 1980 foi um dos períodos de maior mobilização política do Conjunto Ceará. Marcos Rodrigues já atuava no SINTRO (Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários), desempenhando o cargo de assessor de imprensa, assim como seu amigo Marfan Mendes, também morador do bairro que trabalhava na IOCE (Imprensa Oficial do Ceará), órgão público especializado em imprimir jornais, livros, anuários e

demais comunicações oficiais do Estado. Desses dois surgiu uma grande ideia, a criação de um importante periódico, o *Jornal Conjunto Ceará*.

Com o objetivo de viabilizar as edições de forma gratuita, os responsáveis pelo jornal disponibilizaram espaço para anúncios publicitários. A criação do noticioso pretendia facilitar o conhecimento sobre o próprio bairro, por meio da leitura, com o propósito de estimular a necessidade de envolvimento dos moradores nos acontecimentos ali expostos. Seu conteúdo era composto por denúncias, reivindicações, divulgações de eventos, serviços e outras matérias de interesse direto da comunidade. Não costumava incluir notícias de última hora, pois a produção do jornal só finalizava quando o valor do patrocínio atingia o equivalente ao custo. Logo, não havia data certa para as publicações, por vezes chegando a demorar um, dois meses, ou até um pouco mais.

Havia também espaço para conteúdos dinâmicos: palavras cruzadas, piadas, charadas e o que se chama popularmente de “matérias chapa branca”, que chegavam de órgãos governamentais, como campanhas de vacinação, aberturas de vagas de trabalho, serviços assistenciais etc. O *Jornal Conjunto Ceará* também valorizava a literatura, a poesia, a arte e a cultura, além de sugestões de matérias enviadas pela população.

Marcos Rodrigues e Marfan Mendes escreviam tudo à mão, em suas casas, e levavam as matérias para

escritórios especializados em composição, diagramação e paginação. Em cada etapa do processo, os autores se deslocavam por diferentes empresas até chegarem ao resultado final.

Totalizando 10 mil exemplares, a publicação estava pronta para o alcance máximo das casas. Marcos, a pé, nas calçadas do Conjunto Ceará, distribuía com zelo o jornal dedicadamente construído. Para entregá-lo, demoravam-se dias de peregrinação, pois preferia, e quase sempre conseguia, passar às mãos das pessoas individualmente. Inúmeras vezes foi servido de cafés acompanhados por conversas, momentos em que o bairro e a vivência comunitária eram as pautas principais.

Marcos, entre convites para adentrar às casas e durante os diálogos curtos nas calçadas, fazia questão de estreitar algumas relações. Integrante do grupo de jovens Pioneiros da UV6, existente entre 1977 e 1980, se articulou fortemente junto à comunidade em episódios como a realização e divulgação das festas juninas, a disseminação dos protestos contra a “linha da morte”, o caso da queda da criança do galpão, e notícias de alcance nacional, como a morte de Chico Mendes: *Uma vida por Terra*, dizia o título da matéria com direito à caricatura.

Em seus textos, citava pessoas de talento, como o músico Acauã e a grande autoridade em língua portuguesa, professora Irene, ambos cidadãos do Conjunto Ceará que têm muito a contribuir com a sociedade. Por

outro lado, nem só de amores o Jornal Conjunto Ceará foi recebido. Alguns desdenhavam e descartavam o periódico imediatamente, principalmente moradores ligados a órgãos governamentais, provavelmente desgostosos das denúncias. Marcos e Marfan, porém, não acolhiam o desânimo.

Passaram-se cerca de 5 anos nessa rotina. Surgiram outros periódicos que cobravam valores menores pela inserção das propagandas, alguns falando apenas de benfeitorias do governo para o bairro. Após algum tempo, o jornal mudou de formato para baratear a produção, mas aos poucos o recolhimento financeiro parou de cobrir os custos e foi ficando inviável manter as publicações, até serem elaboradas suas últimas edições.

No Conjunto Ceará, outras gazetas surgiram, como *O Comunitarista*, *Folha do Bairro* e *Listão dos Bairros*, sendo este último um guia de comércio existentes nos bairros de Fortaleza. Enquanto teve vida, o Jornal Conjunto Ceará cumpriu com excelência sua missão, marcando, junto aos outros jornais, a reinvenção da história local.

O CENTRO DE CIDADANIA

O CCDH (Centro de Cidadania dos Direitos Humanos), implantado na UV6, é mais um local de encontro dos moradores do bairro. Seu funcionamento não aconteceu de imediato. Quando, a pedido da comunidade, como relembra Marcos Rodrigues, a administração foi transferida do poder estadual para a antiga Fundação do Serviço Social de Fortaleza (poder municipal), por volta de 1978, passou a envolver o público frequentador de modo diverso e, a partir daí, o Centro Comunitário do Conjunto Ceará, como denominado na época, tornou-se o coração dos centrinhos.

Esse núcleo de cidadania preserva traços da identidade do grande ambiente de convivência social que foi a princípio. Antigamente sem muros ou grades, a paisagem do prédio contava com um chafariz a embelezar, refrescar e servir de suporte quando ocorria falta d'água nas residências próximas, nos primórdios da entrega das casas. No início da utilização do equipamento, a

população reunia-se para domingos de lazer. O Forró da 3ª idade e outros eventos com música eram rotineiros. Nas piscinas, os banhistas desfrutavam dos mergulhos aos fins de semana e da realização de dinâmicas, como o concurso do Garoto Piscina.

O Centro Social Urbano Prefeito Lúcio Alcântara, ou simplesmente CSU, durante o fim dos anos 1970 até os anos 1990, oferecia diversas práticas esportivas, como natação, ginástica rítmica, basquete, futebol de salão, capoeira, judô etc. A cozinha-escola do espaço já havia sido implantada pela COHAB e entregue simultaneamente ao equipamento, então o curso de culinária foi facilitado, sendo disponibilizado junto aos outros, de capacitação.

A partir dos anos 1990, o CSU tornou-se um espaço de caráter sumariamente assistencialista, justamente no período de criação dos Conselhos Tutelares. Com a missão de atuar, principalmente, em atividades voltadas para idosos, pessoas com deficiência e outros grupos considerados minoritários.

Ainda nos anos 1990, a disciplina Teoria e Prática da Leitura, do Curso de Biblioteconomia da UFC (Universidade Federal do Ceará), ministrada pela profa. dra. Ana Maria Sá de Carvalho, era aquecida por vários debates em sala de aula. Com a evolução das discussões, no início dos anos 2000, a aula passou por um momento ímpar num diálogo sobre os papéis culturais, políticos,

educacionais e sociais da biblioteca. Isso levou a aluna Aline Vieira a propor à sua mãe, profa. Alda Vieira, diretora de uma das escolas do Conjunto Ceará, a disseminação de iniciativas de qualificação para os professores, com o intuito de transmitir diversas nuances que permeiam a leitura e a escrita.

Para que o curso fosse iniciado, o projeto de extensão Práticas Leitoras nas Escolas do Conjunto Ceará foi aprovado pelos professores do Departamento de Ciências da Informação da UFC e ofertado nas conformidades do Centro de Cidadania. O público prioritário do projeto compreendia alunos de várias escolas e atuava através de oficinas, produção de textos, contação de histórias etc.

O grupo de jovens Gaia, frequentador do equipamento, acompanhando esse processo, se interessou pela possibilidade da criação de uma biblioteca comunitária no Conjunto Ceará, encabeçando um movimento junto aos outros frequentadores do Centro, aos ministrantes e participantes dos cursos oferecidos via Pró-Reitoria de Extensão/UFC/DCINF. A partir dessa demanda, novos cursos foram disponibilizados, incluindo-se pessoas sem formação acadêmica, com conteúdos voltados ao funcionamento adequado de uma biblioteca.

Desse movimento, alguns moradores do Conjunto Ceará, estudantes do curso de pós-graduação Formação do Leitor (UFC), vinculado ao curso de

Biblioteconomia, desenvolveram um projeto de biblioteca comunitária, que serviria de base para a materialização da BCC (Biblioteca Comunitária do Conjunto Ceará). Sendo escolhido dentre outros trabalhos ao fim da especialização, seguiu-se para análise e posterior aprovação pelo Colegiado do Departamento de Ciências da Informação e finalmente passou a integrar os Projetos de Extensão da UFC, possibilitando assim a concretização da iniciativa.

Na busca por um local para o funcionamento da BCC e a formação do seu acervo, as professoras Ana Maria de Sá e Rute Batista, unidas ao grupo Gaia e a outros interessados, encontraram no Centro de Cidadania do Conjunto Ceará o apoio necessário para a sua instalação, por volta de 2007, enquanto o acervo foi composto de doações de publicações e equipamentos, conseguidos por meio da UFC, do Museu do Ceará, da Biblioteca Pública Municipal Dolor Barreira, entre outras instituições e acervos particulares.

Enfim, a biblioteca comunitária foi inaugurada, dispondo de uma gama de atividades, em parceria com a UFC, para seus frequentadores. As coordenadoras do projeto Práticas Leitoras, com a participação dos alunos-bolsistas da UFC, pesquisaram sobre os efeitos diretos da BCC, dos cursos e das oficinas lá oferecidos, surgindo, a partir dessas pesquisas, artigos apresentados em vários lugares do Brasil e em outros países.

Em 2018, a profa. Ana Maria Sá, adoeceu. Por conta disso, a profa. Rute, sem possuir instrumento legal para dar continuidade ao projeto sozinha, foi diminuindo as atividades da BCC, o que provocou a redução do próprio acervo em vista da biblioteca ser deslocada para um espaço menor. Ainda hoje, a BCC continua resistindo, mesmo em condições precárias, tendo em vista a falta de programas de incentivo, estes excluídos com o fim do Ministério da Cultura em 2019.

Os cursos ofertados no Centro de Cidadania representam um suporte de grande relevância para a comunidade, abraçando vários públicos. O local é ponto de encontro entre associações, narcóticos anônimos e reuniões de grupos da área da saúde, para organizar demandas específicas em hospitais próximos, como vacinações.

Um bazar solidário foi outra iniciativa interessante dos funcionários do Centro. Sempre montado para receber e vender peças de roupas usadas, esse bazar, além de incentivar a economia circular, também atua para arrecadar recursos em prol de pequenas urgências, como uma quebra de lâmpada, e garantir que a população seguirá bem-atendida, dentro do que for possível.

Nas datas simbólicas, como o Natal e o Dia das Crianças, a festança é garantida. Dinâmicas são propostas aos pequenos em colônias de férias, como teatro de fantoches, contação de histórias, apresentação de filmes etc.

O equipamento acolhe a comunidade e a comunidade acolhe o equipamento. É no auditório do CCDH que grupos de escolas pequenas, ou qualquer outro grupo que necessite da estrutura do espaço, organizam-se para atividades que representam interesse coletivo.

Foi no auditório do conhecido CSU que várias lideranças locais se reuniram e muitas discussões ganharam corpo, como a decisão vanguardista de que qualquer habitante do bairro poderia se candidatar ao conselho comunitário desde que tivessem mais de 18 anos e que qualquer adolescente, a partir dos 16, poderia participar dessa eleição através do voto. Fora decidido assim em 1987, um ano antes da Constituição Brasileira de 1988 ser assinada com diretrizes de eleições semelhantes.

Outro importante acordo local, elaborado também nesse auditório, culminou na primeira grande intervenção urbana ocorrida no bairro. Uma das pautas colocadas em debate foi sobre a necessidade de substituição da pavimentação das avenidas em pedra tosca para paralelepípedo.

O projeto foi afinado e levado para a prefeitura no fim da década de 1980. Poucos anos depois, o poder municipal, com as lideranças locais engajadas em seu encalço insistentemente, entra em contato com o poder federal e a verba é liberada pela realização da proposta. A reforma urbanística acontece.

O atual CCDH já possuiu diversos nomes:

- Centro Comunitário do Conjunto Ceará
- Centro Social Urbano Prefeito Lúcio Alcântara
- Centro da Cidadania do Conjunto Ceará
- Centro de Cidadania e Direitos Humanos

Mas segue marcado na memória coletiva de seus frequentadores ainda como CSU.

A CHAPA ESQUENTOU E A MESA VIROU

Durante o regime civil-militar, os prefeitos das capitais eram indicados pelos governadores, até que em 1984 foi aprovada a Emenda Benevides, que restituiu eleições diretas para esses cargos executivos.

O ano de 1988 assinalou a segunda eleição direta para prefeitos das capitais, sendo candidatos em Fortaleza, o deputado Ciro Gomes e o radialista Edson Silva.

Nessa época, o governador do Ceará era o empresário Tasso Jereissati, que tinha natural interesse em eleger para a prefeitura da capital um elemento de seu partido, o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Do mesmo modo pensava a então prefeita Maria Luíza Fontenele, naquele momento fora do PT (Partido dos Trabalhadores) e filiada ao PSB (Partido Socialista Brasileiro), que também tinha na ponta da manga o seu candidato.

A Prefeitura de Fortaleza era o objetivo mais cobijado naquele ano de 1988 e, na busca de sua conquista, todos os grupos políticos se empenharam. Foram nove

os candidatos e logo nas primeiras pesquisas dois nomes começaram a despontar. Poucas vezes na história da capital do Ceará tantas candidaturas se ofereceram na disputa da preferência do eleitorado.

O candidato do governador, deputado Ciro Gomes, e o deputado estadual Edson Silva, um popular radialista de um programa policial, eram claramente os preferidos. A disputa se mantinha empatada em todas as enquetes, embora Ciro apresentasse pequena vantagem sobre seu adversário.

Um apelido, entretanto, quase muda o roteiro daquela eleição. Alguém plantou uma nota nos jornais que afirmava que o governador Tasso, referindo-se ao radialista Edson Silva, teria dito que “não havia perigo de perder a eleição para um comedor de panelada”.

A oposição não perdeu tempo. O coordenador da campanha de Edson Silva aproveitou a deixa e assumiu a expressão como slogan. A partir dali, onde quer que o candidato chegasse, era aclamado aos brados como “Edson Panelada”, aquele que se parecia com o povo e comia como os habitantes da periferia.

Às vésperas da eleição, Edson Silva tomou a dianteira nas pesquisas e o Pessoal do Cambeba (como era denominado o comitê central do candidato do governo, localizado no bairro Cambeba) ficou preocupado. Restava, entretanto, uma esperança para os situacionistas.

O Conjunto Ceará prestou relevante apoio a Tasso Jereissati nas eleições para governador ocorrida em 1986, assim como ocorreu na candidatura de Maria Luiza Fontenele à prefeitura de Fortaleza.

No dia da eleição, em 1988, procedeu-se lenta apuração, naquele tempo contada voto a voto. Embora por pequena diferença, o candidato Edson Silva, o Panelada, partiu na frente e assim vinha se mantendo à medida que as urnas iam sendo conferidas.

Aproximava-se o fim da apuração e a vitória do Panelada estava se configurando. Então, começaram a abrir as urnas do Conjunto Ceará. Logo na primeira, foi grande a maioria de Ciro Gomes. E a cada urna aberta a diferença para o primeiro colocado ia encurtando.

A apuração chegou ao fim cabeça com cabeça. O resultado final indicou 179.274 (30,55%) votos para Ciro Gomes, o vencedor, e 173.957 (29,64%) para Edson Silva. Menos de um por cento.

Os eleitores fizeram a diferença e o Conjunto Ceará continua sendo um colégio eleitoral bastante cobiçado por candidatos, recebendo vários comícios a cada período de campanha política.

COTIDIANOS

Em 2021, com a flexibilização do isolamento social causado pela disseminação de Covid-19 no Brasil, o professor José Cristiano Lima de Oliveira, da Escola Municipal de Tempo Integral Professor Prisco Bezerra, teve a brilhante ideia de reunir alunos e professores numa dinâmica, resultando na organização de dois concursos. O primeiro, de redação, contou com a narração de relatos envolvendo dilemas amorosos e sociais, traquinagens e impasses do cotidiano. O segundo concurso, de ilustração, era destinado a representar os conteúdos das redações escolhidas.

Entre os 150 inscritos, 25 redações e 27 ilustrações foram selecionadas e publicadas num livro lançado na escola. O título revela seu conteúdo – O dia a dia do jovem no bairro. Suas narrativas estimulam o protagonismo estudantil, como pretendido na ideia original do projeto, uma ação motivadora da formação cidadã desenvolvida de um jeito descontraído, conciliando as

Diretrizes Curriculares Nacionais, as da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza e outras noções competentes à comunidade escolar. Com a iniciativa, crianças e jovens relataram histórias ou fatos que deram espaço à imaginação.

NO AR, A MINHA, A SUA, A NOSSA RÁDIO COMUNITÁRIA!

Poucos anos após o fim da ditadura, a possibilidade de realização e transmissão de emissoras de rádio comunitária entrou em discussão. Tais debates consolidaram-se e ganharam força através de projetos de lei construídos entre 1995 e 2005. Com isso, várias rádios comunitárias foram idealizadas no Conjunto Ceará e em bairros vizinhos, sendo criado o Conselho Comunitário da 4ª Etapa, na tentativa de adquirirem concessões para seus funcionamentos.

Sem sucesso, devido uma discordância entre os membros, parte do grupo deixou o Conselho e se juntou à outra iniciativa de implantar a Associação Comunitária Asa Brasil, sem fins lucrativos e com o objetivo específico de germinar suportes necessários à transmissão da rádio. Pedro Sampaio, um dos integrantes, cedeu uma área de sua residência para o projeto acontecer, onde se construiu o salão que depois virou estúdio.

Os componentes da Associação organizaram bingos e rifas, buscaram dinheiro por meio de apoio cultural e conseguiram consolidar um parque de transmissão, viabilizando o funcionamento da Asa Brasil FM, dentro da legalidade, através de liminar, em 1998.

A Ceará FM e a Polo FM eram algumas das rádios comunitárias do Conjunto Ceará e se tornaram emissoras de grande alcance. A Asa Brasil FM era especialmente ligada ao contexto do bairro e assim se mantinha, contando com apoio da comunidade e do entorno onde a frequência alcançava.

Quando chegava a fiscalização, às vezes a liminar para o funcionamento da Asa Brasil FM caía, fazendo com que seus integrantes tivessem de conquistá-la novamente. Enquanto isso, o estúdio funcionava como verdadeiro laboratório, descobrindo e formando profissionais. Recebiam bandas locais, realizavam festivais de calouros e abriam seus espaços para vários setores, sempre atentos para não cometerem proselitismos políticos e religiosos.

A programação também contava com momentos de conscientização, como os debates entre os membros dos Alcoólicos Anônimos. Além de haver quadros interativos, como o momento Direito do Consumidor, que recebia convidados ligados ao PROCON (Programa de Proteção e Defesa do Consumidor), advogados e acadêmicos em Direito, que se manifestavam em participar.

Faziam parte também da programação lideranças de movimentos locais que tratavam de questões ligadas ao direito à cidadania.

Pelo esteio de comunicação desenvolvido por Pedro Sampaio, a Asa Brasil FM foi a emissora pioneira de Fortaleza a apresentar músicas do cantor e compositor Flávio Leandro, criador de sucessos como *De mala e cuia*, *Quem ama, cuida* e *Chuva de honestidade*. Pedro trouxe os CDs e reproduziu cópias para distribuir também em outros veículos de comunicação, ajudando a difundir as músicas do artista.

Na grade de programação da FM, as primeiras horas do dia iniciavam-se com canções de Luiz Gonzaga, por determinação dos produtores da rádio, assim como a reprodução diária de versos do aclamado poeta Patativa do Assaré.

Outro momento interessante era a reprodução de programas que apresentavam, a cada vez, músicas de dois grandes artistas brasileiros, tais como Maria Bethânia e Gal Costa, Marinês e Clemilda, Trio Nordestino e os Três do Nordeste, Belchior e Fagner, e por aí vai.

Além disso, grandes sanfoneiros, poetas e repentistas fizeram escola na Asa Brasil FM. Alguns outros se tornaram profissionais ligados ao radialismo e aos demais veículos de comunicação.

Ao atingirem os interesses das emissoras de grande alcance, conseguidas através de concessão pública, as emissoras comunitárias passavam por acentuadas fiscalizações. As dificuldades para o funcionamento da Asa Brasil FM cresceram, culminando, em 2001, com o encerramento de suas atividades.

Muitos frutos foram colhidos. Pedro Sampaio homologou-se como profissional de imprensa e, a partir de 2005, tornou-se repórter de rádio da Câmara dos Vereadores, fazendo a cobertura diária do poder legislativo de Fortaleza. É também autor de vários livros, além de compor muitos cordéis e poemas. Daniel Frota, nascido no Conjunto Ceará, como recorda Pedro, foi frequentador dos estúdios da rádio ainda pequeno, se tornou um grande sanfoneiro, foi coordenador na Orquestra Armorial da novela Velho Chico (Rede Globo), e atualmente toca em escolas na Bahia, sendo alguém que, assim como outros cidadãos, tem a vida assinada pela existência da Asa Brasil FM.

Ficou o legado marcado na memória poética daqueles que contribuíram acompanhando, trabalhando ou sugerindo conteúdo para o funcionamento da rádio, que esteve a serviço da comunidade e tinha como slogan: “Asa, Brasil FM, ser comunitário faz a diferença”.

O Conjunto Ceará continua sendo incubador de amores e talentos, como registra Pedro Sampaio em seu cordel, publicado na comemoração dos 45 anos da

entrega desse conjunto habitacional, intitulado “Êita bairro que amamos... O Conjunto Ceará!”

*Neste lugar onde moro
Os meus seis Filhos criei
É Cantinho que eu adoro
E daqui só sairei
No dia que acontecer
De nessa vida eu morrer
Quando Deus vir me buscar
É assim que nós pensamos
**Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!***

*A Nossa Comunidade
De gente que aqui labuta
Na busca da liberdade
Não foge da sua luta
Vai sempre se organizando
Com vitórias alcançando
Sem parar de conquistar
Objetivos que traçamos
**Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!***

*Setenta e Sete foi o ano
Da sua Etapa Primeira
Sendo entregue já com plano
Segunda, Quarta e Terceira*

*Esse Povo todo junto
Foi manchete, foi assunto
Do Povo a se organizar
Conquistas nós celebramos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!*

*Uma grande maravilha
De quem sempre serei fã
Maravilhosa Quadrilha
Vai e Vem do Amanhã
Seu Franscisco bom demais
Bombava nos Festivals
Com Troféus de arrebatador
Vai e Vem nos consagramos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!*

*Espalhados nas “Uvê’s”
É muita gente morando
E quase que todo mês
População aumentando
Pra cumprir esse destino
Nasci menina e menino
Maternidade a lotar
A contagem já erramos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!*

Nossa luta começou
Conselho Comunitário
O Povo se organizou
Se mantendo solidário
Nasceu Chapa com tendência
Na turma da Resistência
Sua memória reinará
Com ela muito lutamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Era Adairto Moreira
Com a forte liderança
Figura muito guerreira
E também grande esperança
Cobrando nosso direito
Impondo ao Bairro respeito
A quem visse comandar
Com ele sempre brandamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

O Conjunto começava
Superando seu dilema
Apenas nos transportava
Velhos ônibus Gerema
Remédios com eficácia
Crisóstomo da Farmácia
Ele ainda aqui está

E bons tempos recordamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Em quesito de Eleição
Ocorreu um grande mal
Político espertalhão
Quis fazer daqui “Curral”
Só que tinha a Resistência
Despertando a consciência
Para nunca aceitar
O que nós repudiamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Certa Luta teve um norte
E mexeu com emoção
Contra a tal Linha da Morte
Dona CHESF e seu Linhão
Essa luta no Conjunto
Só faltou entrar Defunto
E quem foi se acovardar
O Linhão nós expulsamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Com briga Paroquial
Padre gringo foi autor
O Padre se deu mal

Contra um Galo cantador
Quando o Galinho cantava
Seu Vigário se invocava
E partia pra brigar
No final nós gargalhamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Nosso Conjunto cresceu
Tem serviço em cada esquina
E Motel apareceu
Tem Postos de Gasolina
Bancos segue evolução
Núcleos de educação
Temos em todo lugar
Nosso povo nós formamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Riqueza para o ensino
Faz a gente se orgulhar
O CEEAM tem muito tino
Em sua arte de educar
Méritos reconhecidos
Grandes prêmios conseguidos
Que nunca se esquecerá
Ao EVANDRO nós saudamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

*A fama da Buraqueira
Vez por outra aparece
É por conta da Empreiteira
Ela aqui faz e acontece
Deixando buraco aberto
Precisa ficar esperto
Para o Carro não quebrar
Nós isso sempre alertamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!*

*As Lutas dos Movimentos
Nunca param de crescer
E Durante os seus momentos
Veio se fortalecer
Capoeira é ouro em pó
Show do Mh2-O
Tem forte marca por cá
Nossas Lutas nos registramos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!*

*Meu Conjunto, teu presente
É focado em teu passado
E por toda tua Gente
És um Bairro bem amado
Poetas sentem saudade
Da grande felicidade
Dos tempos de Shangri-la*

Felizes nos recordamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

O Conjunto com seus Templos
Nas Caminhadas de fé
Dando sempre bons exemplos
Com Jesus de Nazaré
E na fé fazendo história
De Lutas que nossa glória
Seja sempre conquistar
Tudo aquilo que almejamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Conjunto uma vez ficou
Em Manchete Mundial
Quando um morador ousou
Numa ação que se deu mal
Foi tamanha a confusão
Sequestrando um Avião
Em Cuba pousou por lá
Muito nos preocupamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Conjunto saiu do horror
Povo ficava invocado
Elegeu Vereador

Não ainda Deputado
Isso ainda é orfandade
Representatividade
Um dia se ortogará
Há muito nós esperamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Conjunto tão transformado
Aumentou habitações
Continua muito amado
Já são quatro gerações
Postos, UPA e Hospital
Nossa Saúde Bucal
Temos sem sair de cá
Pois aqui encontramos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Hoje quarenta e Cinco Anos
Povo todo festejando
Cinquenta, festa nos planos
Pois está se aproximando
Muitas marcas de saudade
De quem foi pra eternidade
E jamais se esquecerá
Nas partidas nós choramos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

*Representando a saudade
Grande nome eu citarei
Jucelino, identidade
Muitos dizem: eu não sei
Mas se digo “PARAZINHO”
Muitos mostra seu carinho
Ao nosso imortal PARÁ
Taxista que exaltamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!*

*Caso Alanis, a Princesa
Que o Mundo comoveu
Vítima da malvadeza
Nosso Coração doeu
Nossa gente consternada
Em prece tão devotada
Dela não esquecerá
Por Alanis irmanamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!*

*Parabéns nosso Conjunto
Festejado, e com afinco
O teu Povo todo junto
Celebra Quarenta e Cinco
E Belos anos de idade
Orgulho dessa Cidade
Teu Comércio crescerá*

Dia a dia transformamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

Teus Artistas, Sanfoneiros
Cantores, Compositores
Artesãos os pioneiros
Das Areias, multi cores
Poesia em abundância
Que mostra toda importância
Muito nos inspirará
No Calendário marcamos
Êita bairro que amamos
O Conjunto Ceará..!

TODOS POR TODOS

Uma ação comunitária nasce da atitude comprometida e responsável de cada um em favor do bem comum e do desejo de mudar a realidade.

(Trecho do livro COHAB, ontem, hoje e a lembrança).

Construído por muitas mãos, o Conjunto Ceará se desenvolveu com solidez. As condições urbanísticas, sociais e políticas foram assumidas por seus habitantes quando se reconheceram na localidade. Diversos coletivos, movimentos e grupos de interesses em comum surgiram no pulsar da sua história.

Os Pioneiros da UV6, o SOS Conjunto Ceará, o Movimento Hip-Hop (MH2O), a Resistência Reggae, o Instituto Ciganos do Brasil, o Movimento Polo Trans, o Coletivo Por dos Livros (que realiza encontros de leitura coletiva). Além do Corpo Sem Órgãos: Sarau Rizoma, fundado em 2015 por Renato Pessoa e Jam's Willame, a promover saraus mensais, recitais de poesia, dentre muitas participações nas atividades culturais da Bienal Internacional do Livro do Ceará e em apresentações e reportagens de programas de TV.

Um grupo de jovens do Conjunto Ceará, ao retornar de uma excursão em Nova Jerusalém, estado de Pernambuco, local internacionalmente conhecido por apresentar anualmente o espetáculo A Paixão de Cristo, foram desafiados pelo padre da Paróquia Nossa Senhora da Conceição a organizarem uma encenação própria dessa passagem bíblica.

No dia da exibição, uma sexta-feira de 1984, a peça em que Jesus era levado para a crucificação percorreu as ruas do Conjunto Ceará, tendo a via-sacra alcançado uma distância de 3 km, emocionando os espectadores.

Dois anos depois, em 1986, durante uma viagem, Plínio Leitão, um dos principais articuladores da peça, encontrava-se em Brasília com uma amiga nas proximidades do Congresso Nacional. Juntos, debateram a criação de um projeto no Conjunto Ceará voltado para atividades comunitárias, envolvendo atrizes e atores da Paixão de Cristo, por eles realizada e na qual já se somavam mais de 30 integrantes. Daí que surgiu a associação PRODECOM (Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Conjunto Ceará), registrada em 1987.

Os membros do PRODECOM se dedicaram a uma profunda pesquisa sobre o bairro, com o propósito de atuarem com assertividade. Então, em 1988, após esse processo de elaboração de conhecimento sobre a comunidade, foi escrito e publicado por Plínio Leitão seu primeiro livro, intitulado *Conjunto Ceará, uma comunidade*

de luta. Dez anos depois, em 1998, Leitão publicou o livro *Conjunto Ceará, polo de conhecimento*, marcando os 10 anos da divulgação da primeira obra. Em 2008, publicou o terceiro livro: *Conjunto Ceará empreendedor*.

A equipe esteve engajada também nas organizações de vários movimentos culturais e deram início à construção de uma sede própria para a associação, onde ocorreram reuniões comunitárias, ensaios do grupo de teatro, encontros de pautas administrativas e várias outras atividades realizadas pelo PRODECOM.

A princípio, promoviam eventos para arrecadação de dinheiro, geralmente em escolas e clubes, mas atualmente conseguem realizar projetos através de editais. Em outras proporções, a apresentação da peça teatral *A Paixão de Cristo* permanece na tradição do bairro, sendo o PRODECOM uma das referências no setor cultural e nas organizações comunitárias do Conjunto Ceará.

O grupo Território Criativo, fundado em 2012, utiliza-se de elementos locais a buscar soluções para questões socioeconômicas, inspirados no modelo definido como Economia Criativa, em que reúnem o fomento à cultura, à valorização da propriedade intelectual dos indivíduos, à sustentabilidade e à inovação. Intencionam a organização de Polos Criativos como forma de desenvolvimento e regiões geradoras de renda por meio da criatividade. As atividades do Território Criativo já se estendem para além dos limites do bairro.

Inicialmente, realiza-se um diagnóstico territorial da localidade a ser intervida, observando-se patrimônio material, imaterial, personagens, artistas, artesãos, pessoas que trabalham no âmbito da cultura ou possuem potencial criativo, denominados pelo grupo de “agentes criativos”. Uma vez mapeado, o Território Criativo mobiliza-se por meio de reuniões e rodas de conversa sobre as potências individuais, coletivas e ambientais capazes de agregar valor econômico aos indivíduos e à comunidade. A partir dessa experiência no bairro, esse modelo está sendo replicado em outras localidades, como no município de Paraipaba, conforme relata Johnson Sales.

A maioria dos coletivos se reuniam no Polo Criativo do Conjunto Ceará, mas, após a demolição da sede durante a reforma do Polo de Lazer, passaram a se organizar, além do Centro Cultural Patativa do Assaré, no PRODECOM e no Espaço Cultural Maculelê.

Há também atividades artísticas com areia colorida, tendo Maviniê Mota como grande destaque. Maviniê aprendeu a arte de esculpir com areias coloridas em 1984 e, pouco depois, começou a trabalhar formando grupos de produção.

Em poucos anos, desenvolveu com amigas artesãs, formadas por ela, o Grupo de Produção de Areia Colorida, no Conjunto Ceará. Atualmente o coletivo é conhecido como o grupo de produção Grão de Cor, que conta

com novos membros. As integrantes do grupo original costumavam colorir e acomodar as areias nas calçadas do bairro, para secagem, antes de produzirem as peças, tornando a Rua 1008, na 4ª etapa, a famosa Rua das Areias.

Transformando-se em cooperativa, o Grão de Cor está dividido em pequenos subgrupos, em que trocam conhecimentos e compartilham trabalhos quando existem grandes demandas de produção ou compras de materiais.

No início dos anos 1990, Maviniê comprou um telefone fixo, precisando por um período da contribuição de outras artesãs para suprir algumas necessidades pessoais básicas, enquanto pagava a prestação do aparelho. Com essa ajuda e a do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), conseguiu viabilizar a venda no exterior do artesanato produzido no Conjunto Ceará.

Em 1995, participou de sua primeira feira internacional, no Japão, e depois foi à Itália, Espanha, Canadá e Portugal. A arte por ela desenvolvida se expandiu por muitos estados e países. Em projeção nacional, a artista teve as areias multicores exibidas na tela da Rede Globo, em 1998, na abertura da novela *Meu bem querer*, produzidas em painéis de vidro por Maviniê e sua amiga Genira.

A artesã concedeu entrevistas em diversos veículos de comunicação, carregando o nome do bairro e

do grupo Grão de Cor. A competitividade jamais foi barreira para artesãs e artesãos no Conjunto Ceará, a cooperativa é uma veia latente e nutrida por senso de coletividade.

ROSTOS E CANTOS

A história do Conjunto Ceará acontece todo dia e é criada por múltiplos personagens. Alguns deles chegaram pela transferência de escritura e parcelas das casas, feitas diretamente com outras famílias contempladas, quando essas perceberam a realidade da região e renunciaram à nova morada.

A primeira empresa a colocar linhas de ônibus à disposição da população foi a Gerema, que somente prestou serviço ao bairro após a entrega da 3ª etapa. Hoje, a localidade conta com uma Estação de VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) e um Terminal de Integração de Ônibus.

Muitos daqueles que desistiram tentaram retornar às casas ou conseguir uma outra, ao perceberem melhorias na circunvizinhança, mas já não era possível.

Nos primórdios da criação do conjunto habitacional, a escassez de serviços próximos e a exclusão social intimaram parte dos novos residentes a se reinventar. O comércio informal foi significativamente desenvolvido

com a improvisação de estabelecimentos diante da grande demanda. Mercantis, farmácias e até escolas eram organizados nas residências das pessoas. Os restaurantes e bares se estruturavam também nas vias de trânsito, praças e canteiros centrais em tendas improvisadas. Muitas dessas estruturas ocuparam consideravelmente as Unidades de Vizinhança. Atualmente, pelo largo do dia e a crista da noite, mil lugares e muitas faces se apresentam à descoberta.

Antigamente, o Bar Shangrilá, por exemplo, era um dos principais polos de socialização nas noites do bairro, um espaço embalado pela música e permeado por encontros amorosos, sociais e políticos. Marcou a cultura local, mas se encontra atualmente desativado enquanto bar. Foi posteriormente denominado Espaço Cultural Maculelê, onde alguns coletivos se reúnem e planejam novos usos para esse ponto, hoje patrimônio na memória de seus contemporâneos.

Vários outros estabelecimentos esquentam a vida noturna do Conjunto Ceará, como o Art Visual Bar, o Chill Out Bar, o Baladeira Petiscaria, o Boteco do Simão, o Point do Caranguejo, o Imperador da Batata etc. Grandes bares e restaurantes com vendas de vasta culinária: acarajés, comida japonesa, pastéis, pizzas, sanduíches, sorvetes e muito mais.

No Conjunto Ceará, a Avenida Ministro Albuquerque Lima é contemplada com o *Monumento 4 Chaves*,

construído e entregue pela COHAB, simbolizando as quatro etapas de formação do bairro. Suas praças, são territórios diariamente movimentados. A Praça da Conquista não só é ponto de murmurinhos, como também recebe feiras, enfeites natalinos e adereços a deixarem-na ainda mais bela o ano todo. É zelada pelos moradores mais próximos, muito provavelmente por perceberem o espaço público como um patrimônio de todos, um grande lar coletivo.

Há também a conhecida Praça dos Pioneiros da UV6, ainda não batizada oficialmente, embora o nome esteja na boca do povo. Nela, as pessoas se encontram desde o princípio da fundação do bairro. Foi lá que o corpo do Conjunto Ceará ganhou vida.

Sempre borbulhante, o solo frutífero da região foi calcado com esforço e paixão. Seus filhos mais jovens nasceram de um Conjunto Ceará florido e estão percebendo razões próprias para amarem, lapidarem e defenderem os contornos à volta, reconhecendo a marca da história e imprimindo ao espaço novas digitais.

CAPÍTULO EXTRA

DAS POLÍTICAS HABITACIONAIS DE OUTRORA

Junto a um cenário conturbado de crise política, econômica e social, o Conjunto Ceará foi idealizado. Os militares, ao tomarem o poder, valeram-se de diversos mecanismos para reafirmar a importância de estarem no domínio do Estado.

Pouco depois da concretização do golpe civil-militar, em 1964, diante do cenário político, sob justificativa da forte demanda de habitações e serviços nas cidades e pelo grande contingente migratório de pessoas das zonas rurais para as zonas urbanas, notadamente para as capitais dos estados, foi instituído um plano de habitação para o país.

Em agosto daquele mesmo ano, foi criado o BNH (Banco Nacional da Habitação), uma importante instituição voltada principalmente à implementação de programas de crédito imobiliário. No ano seguinte, foi criada a COHAB, que passou a atuar nos níveis municipal e estadual com o objetivo de planejar e construir moradias em larga escala, conforme o plano.

A COHAB captava inscrições da população interessada, exigia uma contribuição financeira mínima dos inscritos e, dessas pessoas, depois de contempladas, recolhia-se o valor das parcelas dos imóveis. Com um financiamento promovido pelo BNH, a instituição contratava uma equipe técnica e promovia a concepção e a construção das residências populares promovendo os financiamentos para os mutuários. Recolhendo as parcelas, a Companhia obtinha o lucro e sanava o “empréstimo” realizado junto ao banco. Assim, os mutuários deviam à COHAB e a COHAB devia ao BNH, resumidamente.

O plano de habitação, em tese, era preparado primordialmente para atender à população de baixa renda, na promessa de reduzir o déficit de habitações e combater o surgimento de barracos em zonas precarizadas e outros problemas antigos que surgiram junto à urbanização das cidades brasileiras. A proposta, era promover a política habitacional como plano de governo para, além de moradias inadequadas ou da falta delas, reduzir outras grandes questões enfrentadas pelo povo, como desemprego, falta de recursos financeiros etc. A construção de casas e de novas zonas urbanas aqueceria a construção civil e arrecadaria capital para o Estado através do recolhimento das parcelas.

Muitos questionamentos sobre as políticas desses tempos aconteciam em vários setores da população: afinal, se havia crise e o povo estava sem dinheiro, como

pagariam as parcelas, acumulariam reservas financeiras e movimentariam o mercado?

Dentre outras ressalvas estavam os critérios de escolha das localidades, a conformação das residências e as zonas urbanizadas, bem como o fato da população de baixa renda ser, muitas vezes, negligenciada.

Para viabilizar a construção e o financiamento dos conjuntos habitacionais, normalmente terrenos longínquos eram definidos em porções mais baratas de terra e conseqüentemente distantes do emprego de muitos mutuários. A depender do planejamento urbano, arquitetônico e das políticas públicas, o deslocamento dos moradores para outras áreas da cidade era quase impraticável, como observa-se em vários conjuntos habitacionais, a exemplo, dos bairros Cidade 2000 (CE) e Cidade de Deus (RJ), oriundos do mesmo contexto político e social do Conjunto Ceará, implantados em zonas isoladas.

Diversos programas semelhantes surgiram, seguindo-se por anos durante a ditadura civil-militar. O BNH, enquanto instituição financiadora dos projetos, ao longo de 22 anos, contribuiu com a construção de cerca de 4,8 milhões de moradias, mas estima-se que apenas 20% desses recursos foram de fato destinados à população de baixa renda.

A depender do público-alvo dos planejamentos habitacionais, notava-se a variância de alguns critérios,

como a qualidade das casas, a infraestrutura, o atendimento do transporte público, o recolhimento de lixo, a existência de serviço hospitalar por perto etc. Para muitos, porém, a casa própria continuava sendo um sonho, devidamente estimulado pelos beneficiados com a expectativa do povo ou pelos lucros diretos do mercado. Aguardar e adquirir uma residência, independente das condições, era o que muitas pessoas fariam a contento.

Em meio à especulação imobiliária e às crises econômicas que assolavam o país, algumas famílias precisavam se deslocar de suas residências, muitas outras migraram para uma região diferente, devido às precariedades enfrentadas em zonas rurais na época. Esses grupos, junto às pessoas desabrigadas na cidade, partilhavam demandas similares. Nesse cenário de grandes transformações físicas e sociais, intensificavam-se as construções dos conjuntos habitacionais.

O mutuário muitas vezes acabava se comprometendo com parcelas que poderiam custar até 30% do seu salário. Por conta das crises econômicas, inúmeros deles não conseguiam pagar as dívidas e, com isso, o sistema parou de se autossustentar, pois o salário não era corrigido de acordo com a inflação, enquanto as prestações sim. Diante desse descompasso, os programas acumularam enormes dívidas e se tornaram inviáveis, culminando com o término da atuação da COHAB em construções habitacionais e seus financiamentos.

Após o encerramento das atividades da COHAB, promovidas junto ao poder público, empresas privadas expandiram as atividades no mercado imobiliário, muitas contando também com incentivos financeiros governamentais. Estas, com métodos construtivos voltados para a captação de recursos por meio da unidade habitacional, apartaram-se da cidade e de seus serviços.

Se quem leu este exemplar
E o Conjunto não conhece
Procure participar
Que o nosso bairro agradece

Karoline Freitas

Referências

Orais

Elvira Evangelista
Fernando Araújo
Henrique de Neiva Cavalcanti
Johnson Sales
Juarez Leitão
Marcos Rodrigues
Maviniê Mota
Pedro Sampaio
Plínio Leitão
Renato Pessoa
Roberto Nildon
Romeu Duarte
Rosa Magalhães
Rute Batista
Socorro Tabosa

Bibliográficas

BARROS, A da Costa. O Conjunto Ceará e a política de habitação na ditadura civil-militar (1976-1985). *Fronteiras: Revista de história*, v. 23, n. 42, p. 147-171, jul. / dez. 2021, e-ISSN: 2175-0742. Disponível em: FRONTEIRAS+-+BARROS+-+O+Conjunto+Ceará+e+a+política+de+habitação+na+ditadura+civil-militar+(1976-1985).pdf. Acesso em: 24 ago. 2023.

BRASIL. Secretaria da Receita Federal. Do parecer no tocante aos financiamentos gerados por importações de mercadorias, cujo embarque tenha ocorrido antes da publicação do Decreto-lei n. 1.994, de 29 de dezembro de 1982. Parecer normativo, n. 6, de 23 de março de 1984. Relator: Ernani Garcia dos Santos. Lex: Coletânea de Legislação e Jurisprudência, São Paulo, p. 521-522, jan./mar. 1. Trim., 1984. Legislação Federal e Marginália.

Conjunto Ceará e a política de habitação na ditadura civil-militar (1976-1985), O. Fronteiras, revista de história, 2001.

DIÁRIO DO NORDESTE, Fortaleza 2010.

DIÁRIO DO NORDESTE, Fortaleza, 1999.

Histórias de Sucesso. SEBRAE, 2008.

SOUZA, Daniel; CHAVES, Gylmar. Nossa paixão era inventar um novo tempo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

MÁXIMO, R. COHAB: ontem, hoje e a lembrança. Fortaleza, Gráf. Goldgraf, 2000.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciência da Informação, Fortaleza, 2009.

O POVO, Fortaleza, 1999.

SILVA, Bárbara Assunção. A fala cria o mundo e a BCC cria esperanças no Conjunto Ceará: uma avaliação da Biblioteca Comunitária do Conjunto Ceará.

Links

Disponível em: CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução n. 1.627, de 1999. Define ato médico como todo procedimento técnico profissional praticado por médico. <https://cremesp.org.br>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: O Conjunto Ceará e a política de habitação na ditadura civil-militar (1976-1985) <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/15816>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Unidade de Vizinhança, a sociologia desenha a cidade. <https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/16/unidade-de-vizinhanca-a-sociologia-desenha-a-cidade/>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Unidade de Vizinhança: uma forma sustentável de promover a conectividade nas cidades. <https://www.thecityfixbrasil.org/2016/10/24/unidades-de-vizinhanca-uma-forma-sustentavel-de-promover-a-conectividade-nas-cidades/#:~:text=%E2%80%9CUnidade%20de%20vizinhan%C3%A7a%E2%80%9D%20%C3%A9%20o,necessidades%20di%C3%A1rias%20dos%20seus%20moradores>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Conjunto habitacional: o que é, história, e como investir nesses projetos. <https://vangardi.com.br/conjunto-habitacional/>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Banco Nacional da Habitação. https://pt.wikipedia.org/wiki/Banco_Nacional_da_Habita%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Conjunto Habitacional: Entenda Sua Origem e Por Que Influenciou a Arquitetura Moderna. <https://www.vivadecora.com.br/pro/conjunto-habitacional/>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: História da Cobal. https://www.wikirio.com.br/Hist%C3%B3ria_da_Cobal#:~:text=COBAL%20%E2%80%93%20A%20Companhia%20Brasileira%20de,1962%20e%20extinto%20em%201990. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Território criativo: um estudo sobre uma política pública de economia criativa no polo de lazer do conjunto ceará em Fortaleza - CE. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34407>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Voo Cruzeiro do Sul 302. https://pt.wikipedia.org/wiki/Voo_Cruzeiro_do_Sul_302. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Grão de Cor. <https://www.artesol.org.br/graodecor>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Conjunto Ceará revê o passado à base de luta - Metro. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/conjunto-ceara-reve-o-passado-a-base-de-luta-1.1959441>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Entrevista da TV Jangadeiro sobre o Lançamento do Livro Conjunto Ceará Empreendedor. <https://www.youtube.com/watch?v=5K75qn5o8i8>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Cobertura jornalística Paixão de Cristo Conjunto Ceará. <https://www.youtube.com/watch?v=vOZ5kahqRd0>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Prodecom - Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Conjunto Ceará. <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/10658/>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Relembrando alguns Caio Gabriela da Empresa Gerema. <https://www.mobceara.com/2015/07/relembrando-alguns-caio-gabriela-da.html>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Base Cartográfica. <https://portal.cogerh.com.br/mapas/#pid=7>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Documentário - Último Pau de Arara (Parte 1). <https://www.youtube.com/watch?v=25RBBEJQU-E>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Documentário - Último Pau de Arara (Parte 2). <https://www.youtube.com/watch?v=d54zPEvx3ks>. Acesso em:

Disponível em: Fortaleza em mapas. <https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Revitalizar rios urbanos ajudaria a controlar enchentes e proporcionaria lazer. <https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/revitalizar-rios-urbanos-ajudaria-a-controlar-enchentes-e-proporcionaria-lazer/>. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Revolução Industrial. https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial. Acesso em: 5/10/2023.

Disponível em: Relembre o dia que Xuxa visitou o Conjunto Ceará. <https://www.fortalezaordinaria.com.br/post/tbt-relembre-o-dia-que-xuxa-visitou-o-conjunto-cear%C3%A1>. Acesso em: 15/4/2023.

Disponível em: Listão dos bairros. <https://www.listaodosbairros.com.br/sobre.php>. Acesso em: 15/4/2023.

Este livro foi impresso em Fortaleza (CE),
na primavera de 2023.

A fonte usada no miolo é Gandhi Serif, corpo 10/13,4.

O papel do miolo é pólen 90g/m²,
e o da capa é cartão supremo 250g/m².

www.terradaluzeditorial.com.br

*Vista panorâmica do Conjunto Ceará
nos primeiros anos ainda em construção.*







Karoline Freitas

Arquiteta e urbanista, tem olhar atento sobre as ruas, praças, patrimônios edificados, becos, guetos e cores da cidade.

Neste livro, cartografa reminiscências, detalhes inéditos, fatos pitorescos e informações reveladoras, que documentam com delicadeza e emoção, a história do Conjunto Ceará por meio de minuciosa pesquisa calcada na oralidade e nas referências bibliográficas.

• • •

Foto da capa: Vista panorâmica do Conjunto Ceará, vendo-se em primeiro plano a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Foto da contracapa: Monumento 4 Chaves, em homenagem as quatro etapas do bairro entregues pela Cohab.



Fortaleza

PREFEITURA

Cultura



9 786586 517446